



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8163 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

TRÊS MULHERES, TRÊS VIDAS EM UMA ESCOLA: A TRAJETÓRIA DE DOCENTES DO INSTITUTO PROFISSIONAL FEMININO ORSINA DA FONSECA (IPFOF)

Teresa Vitoria Fernandes Alves - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Denize de Aguiar Xavier Sepulveda - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Três mulheres, três vidas em uma escola: a trajetória de docentes do Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca (IPFOF)

Da mesma forma que um artesão transforma os fios que tece em uma bela tela, o ato de fazer história termina por ser uma prática que buscará nos arquivos, documentos orais, escritos ou iconográficos informações que, uma vez analisadas, romperão um silêncio existente.

Para o historiador, não existem simplesmente fatos históricos. Na verdade, é a questão que constrói o objeto histórico (DOSSE, 2003:17) e, essa termina por auxiliá-lo a delimitar um problema. O passado, por si só, não é um objeto de análise, é preciso que ele seja construído com tal. Para que a História se diferencie de uma simples narração, o pesquisador precisa se utilizar de regras científicas e conceitos que o auxiliarão a analisar, criticar os documentos e a transformá-los em “provas” históricas.

Os elementos desse artigo foram detalhadamente pensados e moldados, da mesma maneira que um artesão, minuciosamente, dispõe um fio sobre outro, dando forma ao seu pensamento. Como num grande quebra-cabeça, onde cada peça se encaixa em um determinado local, os fatos históricos precisam ser integrados para comporem “a” ou “as” imagens de uma dada sociedade. Ao optar por fazer uma história que analisa a vida das pessoas comuns, terminamos por nos debruçar sobre as mais diversas experiências sociais que passaram a ser o fio condutor da nossa análise.

No caso aqui tratado, a análise dos documentos existentes no arquivo permanente da Escola Municipal Orsina da Fonseca, no Rio de Janeiro, nos remete ao passado de um país onde meninas órfãs e pobres, os (as) seus (suas) professores (as) e os (as) funcionários (as) estavam submetidos às regras de uma sociedade hierárquica e fechada.

Esses atores sociais passam a ganhar voz e vez no momento em que encontramos

nos arquivos da escola: leis, decretos, regimentos internos, programas, grades curriculares, fichas de matrícula de ex-alunas, fichas de ex-professores (as) e funcionários (as) que nos possibilitaram reconstituir parte daquele passado desconhecido.

Esses verdadeiros atores sociais refletem em suas ações e histórias pessoais as transformações ocorridas em sua sociedade. Para isso as informações do seu dia a dia, como num grande jogo de peças, permitem a reconstrução de uma parcela dos resultados da política educacional brasileira, aqui no caso desse artigo entre os anos 1912 até 1935, momento em que três professoras passam a atuar na instituição. A sua vida dentro da escola, como por exemplo, quais as disciplinas que ministravam, as atividades desenvolvidas junto as alunas, como viam e valorizavam a educação, a preocupação frente a formação das meninas e moças para o mercado de trabalho.

Atrelado a isso o discurso ideológico que envolvia a participação da mulher na carreira docente, ganha destaque em decorrência da ideia de que essa seria a profissão que conciliaria as atividades domésticas e de mãe, pois cuidar e educar crianças eram missões femininas.

Por outro lado, o magistério feminino transforma-se na solução para a falta de profissionais atuando nas escolas de ensino primário no território nacional. Associada a formação profissional dessas moças encontra-se também a questão da construção de um profissional que difundia uma ordem moralizante, cívica e civilizadora de sociedade que deve se dar através de uma educação voltada para a população.

Outro fator que marca a questão da entrada das mulheres no magistério é que, cada vez mais, essa profissão passa a atender à população de baixa renda, o que sob o olhar da ótica capitalista desvaloriza a forma de remuneração. Pautado nesse olhar, constrói-se uma nova condição social feminina dentro do magistério, o que fez surgir certos mecanismos de discriminação e de controle contra as mulheres além de implantar pensamentos/ ideologias ligadas à domesticidade e maternagem, que foram sendo reforçadas pelas normas higienistas e positivistas presentes nas práticas sociais ao longo do período da Primeira República.

Nesse momento a escolarização da população de baixa renda vincula-se ao aumento da produção de manufaturados o que favoreceu a reorganização da sociedade civil objetivando, principalmente, o amparo e retirada de meninos e meninas órfãos das ruas das grandes cidades como, também oportunizar o aprendizado de um ofício.

Quando se aborda a história das escolas femininas logo se argumenta que elas serviam para formar mulheres prontas para serem boas esposas, mãe de família, do lar ou trabalhadoras para a indústria e comércio, mulheres prendadas, rendeiras, dedicadas aos trabalhos de linha e agulha. Contudo apesar de muitas pesquisas apontarem esse destino para o Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca, como se dentro de seus muros pudessemos encontrar uma grande colmeia laboriosa, cabe ressaltar as singularidades que nos despertam curiosidades e destoam deste cenário de cama e mesa.

É de fato intrigante que as pesquisas referentes à essa instituição não ressaltem a história dos grandes nomes femininos atrelados a sua história, tais como, das professoras Leolinda Daltro, Lucília Guimarães Villa-Lobos e Zaíra Brandão. Mulheres que lutaram para o reconhecimento das mulheres além do espaço doméstico e do lugar de operária da fábrica. A biografia destas 03 mulheres nos leva a questionar: As abelhas-alunas do Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca (IPFOF) eram meras reprodutoras do discurso

hegemônico da sociedade a respeito dos espaços que deveriam ocupar e o que deveriam ser?

Este artigo tem um compromisso político com a História do Tempo Presente, no momento que buscamos dar visibilidade a história de mulheres, professoras, mães, política e suas atuações em diferentes espaços, mas, fundamentalmente, na educação laica de mulheres. Considero importante destacar a história de Leolinda de Figueiredo Daltro, Lucília Villa Lobos e Zaíra de Oliveira em um simpósio que visa discutir gênero e sexualidade pelo o QUÊ na sua história contribui para refletirmos sobre os movimentos feministas e as transgressões de gênero que podem ocorrer no campo da educação.

Entendemos gênero como a construção social e histórica que faz parte de um sistema de pensamento e linguagem binário (sexos masculino ou feminino) que se coloca em oposição e, ao mesmo tempo, em completude. Isto é, utilizamos como referencial os trabalhos de Judith Butler (2016) que denunciam a coerência sexo-gênero e desejo (sexo feminino, gênero feminino e desejo pelo sexo masculino) em conformidade com a matriz heterossexual e que contribuem, por tanto, para a reprodução das performances femininas e masculinas.

Em se tratando do Brasil da Primeira República as performances esperadas para as mulheres eram aquelas que visavam desde o celibato para professoras solteiras até as reproduções de gênero femininos vinculadas ao recôndito do mundo doméstico. Lembrando que as escolas foram fundamentais no sucesso da permanência dessas performances de gênero, pois é nesta instituição que essas que essas eram ensinadas e consolidadas.

Palavras-chave: Profissão Docente. Magistério Feminino. Trajetória. Brasil República. Instituto Profissional Feminino.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminino e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DOSSE, F. A História. Bauru, SP: EDUCS, 2003.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GOMES, Ângela de Castro. "A escola republicana: entre luzes e sombras". In: *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; CPDOC/FGV, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. "Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero". In: *Projeto História*. São Paulo, 11 nov, 1994.